



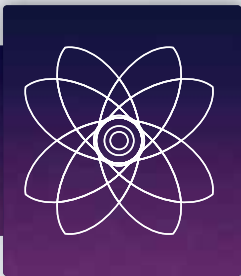
PRÊMIO
MULHERES
E CIÊNCIA

**2° PRÊMIO
MULHERES &
CIÊNCIA**

EDIÇÃO 2025

LIVRO DE RESULTADOS





PRÊMIO
MULHERES
E CIÊNCIA



PRÊMIO
MULHERES
E CIÊNCIA

LIVRO DE RESULTADOS

PARCERIAS



MINISTÉRIO DAS
MULHERES



INICIATIVA

MINISTÉRIO DA
CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E INOVAÇÃO



Sumário

Programa Mulher e Ciência	3/5
Resultado da categoria Incentivo	6/10
Resultado da categoria Estímulo	11/15
Resultado da categoria Trajetória	16/20
Resultado da categoria Mérito Institucional	21/26
Comissão Julgadora	27
Parcerias	28/32
Créditos e ficha técnica	33

PRÊMIO
MULHERES
E CIÊNCIA

A promoção da equidade de gênero na Ciência, Tecnologia e Inovação é um desafio global e permanente. Em todo o mundo, embora as mulheres tenham ampliado sua participação na educação superior e na produção científica, ainda enfrentam desigualdades estruturais que impactam o acesso a financiamento, a posições de liderança, a redes de colaboração internacional e ao reconhecimento por meio de premiações e citações acadêmicas. Barreiras culturais, a sobrecarga de responsabilidades domésticas e de cuidado, bem como vieses institucionais, continuam a influenciar trajetórias profissionais e a limitar o pleno desenvolvimento do potencial feminino no meio científico e acadêmico.

No Brasil, observa-se crescimento expressivo da presença de mulheres na graduação e na pós-graduação, mas essa representatividade diminui progressivamente nos níveis mais altos da carreira, especialmente nos cargos de gestão, nos programas de maior prestígio e nas posições estratégicas do sistema de ciência e tecnologia. Esse fenômeno, frequentemente descrito como “efeito tesoura”, evidencia a necessidade de políticas públicas e iniciativas institucionais voltadas não apenas ao acesso, mas também à permanência, à valorização e à ascensão das mulheres na ciência.

Nesse contexto, o 2º Prêmio Mulheres e Ciência reafirma o compromisso do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) com a promoção da diversidade, da pluralidade e da equidade de gênero, étnica e racial no Sistema Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação. Realizado em parceria com o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, o Ministério das Mulheres, o British Council no Brasil e o Banco de Desenvolvimento da América Latina e Caribe (CAF), o Prêmio reconhece mulheres e instituições que contribuem de forma relevante para o avanço do conhecimento científico e tecnológico no País, bem como para a transformação das estruturas que historicamente produziram desigualdades.

Nesta segunda edição, o Prêmio amplia seu alcance ao instituir a categoria Incentivo, destinada a jovens mulheres de 15 a 29 anos participantes do Programa Asas para o Futuro do Ministério das Mulheres, estimulando o interesse e a permanência nas áreas de Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática (STEM). Ao valorizar relatos de transformação pessoal, projetos de continuidade e potencial de contribuição futura, a iniciativa reconhece que o enfrentamento das desigualdades começa no estímulo às novas gerações, especialmente em contextos marcados por vulnerabilidades sociais e regionais.

Mantêm-se, ainda, as categorias Estímulo e Trajetória, que contemplam pesquisadoras em diferentes momentos da carreira nas três grandes áreas do conhecimento — Ciências da Vida; Ciências Exatas, da Terra e Engenharias; e Ciências



Humanas e Sociais, Letras e Artes —, valorizando tanto a excelência científica quanto o compromisso com a formação de novas pesquisadoras, a comunicação pública da ciência e a promoção da equidade. A categoria Mérito Institucional segue reconhecendo instituições de educação superior e institutos de pesquisa que desenvolvem planos de ação estruturados e mensuráveis para a consolidação de políticas institucionais voltadas à igualdade de gênero.

Ao integrar jovens estudantes, pesquisadoras em distintas fases da carreira e instituições comprometidas com mudanças estruturais, o 2º Prêmio Mulheres e Ciência fortalece uma abordagem sistêmica da equidade. Mais do que celebrar conquistas individuais, esta edição reafirma o compromisso coletivo com a construção de um ecossistema científico mais inclusivo, diverso e socialmente responsável, no qual mulheres possam não apenas ingressar, mas permanecer, liderar e transformar a ciência brasileira.

DO PROGRAMA MULHER E CIÊNCIA AO PRÊMIO MULHERES E CIÊNCIA

O compromisso do CNPq com a equidade de gênero na ciência é muito anterior à instituição deste Prêmio. Já em 2005, a parceria da Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM/PR) com o Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e o Ministério da Educação (MEC), no âmbito do grupo de trabalho instituído pela Portaria Interministerial nº 437/MCT/SPM, de 31 de agosto de 2004, e coordenado pela SPM/PR, deu início ao Programa Mulher e Ciência (PMC).

Este Programa assumiu a hercúlea tarefa de estimular a produção científica e a reflexão acerca das relações de gênero, mulheres e feminismos no País e de promover a participação das mulheres no campo das ciências e carreiras acadêmicas.

De início, tal Programa adotou três tipos de incentivo: o Prêmio Construindo a Igualdade de Gênero, as Chamadas de apoio a pesquisas e o Encontro Nacional de Núcleos e Grupos de Pesquisa - Pensando Gênero e Ciências. O Prêmio era um concurso anual de trabalhos (artigos científicos e redações) para estudantes do nível médio ao doutorado. Na sua quinta edição, em 2009, foi criada a categoria Escola Promotora da Igualdade de Gênero que premiou projetos pedagógicos para a igualdade de gênero nas escolas. Até sua décima edição, o Prêmio teve 29.375 estudantes inscritos.

Já o Encontro Pensando Gênero e Ciências, realizado em 2006 e 2009, contou com mais de 200 núcleos de estudos de gênero de todo país e especialistas nacionais e internacionais sobre o tema. Os eventos geraram um conjunto de recomendações ao CNPq, tais como a prorrogação de bolsas em função da maternidade, a necessidade de divulgação de dados desagregados por sexo e raça e a inclusão do quesito “cor” no Currículo Lattes, medidas que foram posteriormente adotadas.

As Chamadas para apoio às temáticas relações de gênero, mulheres e feminismos tiveram, em quatro edições (2006, 2008, 2010 e 2012), 659 propostas aprovadas e aproximadamente 21 milhões de reais investidos. Os estudos avançaram, contemplando a intersecção com as abordagens de classe social, geração, raça, etnia e sexualidade.

A partir da Chamada 18/2013, o Programa teve outro avanço epistemológico: estimular a participação de meninas e mulheres nas carreiras de ciências exatas, engenharias e computação (STEM). Neste sentido, vieram as Chamadas 31/2018 e 31/2023, com investimentos majorados em 100 milhões de reais.

Além das ações acima, o PMC, no âmbito do CNPq realizou uma série de ações de mobilização, como encontros com especialistas no tema, lives, produção de material sobre Pioneiras na Ciência no Brasil, com quase 100 verbetes, além de outras ações, disponibilizadas ao público no canal oficial do CNPq no Youtube. O amadurecimento na temática resultou na implementação da prorrogação por parto ou adoção de várias modalidades de bolsa (2012) e a inserção da licença parental no Currículo Lattes (2021).

Neste contexto, por meio de proposta elaborada pela Coordenação de Execução e Difusão de Prêmios Nacionais e Internacionais em CT&I, sob a orientação da Diretoria de Cooperação Institucional, Internacional e Inovação, foi aprovada pela Diretoria Executiva e pelo Conselho Deliberativo do CNPq a Portaria nº 1.965, de 10 de outubro de 2024, com a instituição do Prêmio Mulheres e Ciência. O lançamento do Edital foi realizado no dia 6 de novembro de 2024, em cerimônia das entidades parceiras durante a 21ª Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT).

Em 11 de fevereiro de 2025, enquanto se reunia a Comissão Julgadora do Prêmio Mulheres e Ciência, a equipe do PMC iniciava a Jornada Mulher e Ciência 2025, que seguiu até 27 de março, comemorando o Dia Internacional das Mulheres e Meninas na Ciência (11 de fevereiro), o Dia Internacional das Mulheres (8 de março) e os 20 anos do Programa Mulher e Ciência do CNPq.

No dia 8 de outubro de 2025 foi lançada a segunda edição do Prêmio, novamente contando com o apoio das entidades parceiras.



Categoria **INCENTIVO**

PRÊMIO
MULHERES
E CIÊNCIA

Categoria

INCENTIVO

1º Lugar

Lara Dourado Borges

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Espírito Santo (IFES)

2º Lugar

Raíssa da Luz Rangel

Instituto Federal da Bahia (IFBA)

3º Lugar

Laíza de Almeida Bride

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Espírito Santo (IFES)



1º Lugar

Lara Dourado Borges

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Espírito Santo (IFES)

“Lara Dourado Borges é estudante do ensino médio integrado ao curso técnico de Mecatrônica no Instituto Federal do Espírito Santo (IFES). Desde cedo demonstrou interesse por tecnologia, ciência e inovação, motivada pela curiosidade de compreender como as coisas funcionam e como poderiam ser aprimoradas. Ao longo de sua trajetória escolar, buscou unir teoria e prática, participando de atividades técnicas e fortalecendo sua formação em áreas tradicionalmente ocupadas majoritariamente por homens. Sua experiência como jovem aprendiz administrativa em empresa terceirizada da ArcelorMittal também contribuiu para ampliar sua visão profissional, desenvolvendo responsabilidade, organização e comprometimento. Para Lara, a ciência representa transformação social. Acredita que o conhecimento é uma ferramenta poderosa para gerar oportunidades e impactar positivamente a sociedade. Ser reconhecida no 2º Prêmio Mulheres e Ciência, na categoria Incentivo, simboliza não apenas uma conquista individual, mas a confirmação de que meninas podem ocupar e transformar os espaços científicos e tecnológicos. Sua trajetória é marcada por dedicação, perseverança e pelo desejo de inspirar outras jovens a acreditarem em seu potencial e a enxergarem a ciência como um caminho possível, acessível e transformador.”

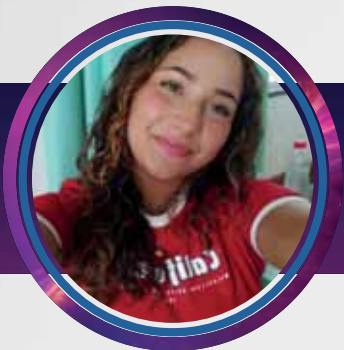


2º Lugar

Raíssa da Luz Rangel

Instituto Federal da Bahia
(IFBA)

“Minha trajetória escolar começou lá no fundamental, quando estudar ainda parecia só tarefa e recreio. Eu era curiosa, perguntava muito, gostava de aprender, mas também já entendia que precisava me esforçar dobrado. Sendo uma mulher negra, mesmo criança, eu sentia que precisava provar meu valor o tempo todo. No fundamental eu fui construindo minha base. Teve fase de aprender matemática “na marra”, de descobrir que gostava de escrever, de apresentar trabalho morrendo de vergonha, mas apresentar mesmo assim. Cada boletim bom era uma conquista. Cada dificuldade superada era tipo subir mais um degrau. Quando entrei na escola particular como bolsista, a responsabilidade ficou maior. Não era só estudar, era manter nota, mostrar desempenho, não deixar a oportunidade escapar. Eu sabia que aquela bolsa era fruto do meu esforço. Teve pressão, comparação, dias cansativos... mas também teve crescimento. Eu amadureci muito ali. Aprendi a ter disciplina, a organizar meu tempo e a acreditar mais em mim. Passar para o Instituto Federal foi um marco enorme. Foi a prova de que todo aquele caminho fazia sentido. Entrar em uma instituição reconhecida pela qualidade me deu ainda mais motivação. Hoje, terminando o primeiro ano do ensino médio, eu me vejo mais forte, mais consciente do meu potencial e dos meus sonhos. Minha trajetória, do fundamental até agora, é feita de persistência, coragem e identidade. Não foi sempre fácil, mas foi sempre minha. E eu sei que ainda estou só no começo.”



3º Lugar

Laíza de Almeida Bride

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Espírito Santo (IFES)

“Graças ao projeto ASAS pelo IFES da Serra eu pude participar e ser uma das ganhadoras do 2º prêmio Mulheres e Ciência. Sempre estudei em escola particular, minha família sempre investiu muito nos meus estudos, meu pai sempre me dizia, desde pequena que queria que as filhas dele fossem estudadas. Eu nunca gostei muito de estudar, mas sempre fazia por disciplina e para não decepcionar meus pais. Assim que saí do fundamental eu tentei o ensino médio no IFES, mas infelizmente não consegui. Lembro que meu pai ficou arrasado e extremamente decepcionado por eu não ter me esforçado e ter perdido uma oportunidade tão grande de realizar o tão sonhado ensino médio no IFES. Logo em seguida consegui uma vaga de 100% de bolsa para fazer o ensino médio no Sesi/Senai com um técnico integrado de energias renováveis durante 3 anos. Durante o curso e graças a ele eu pude conhecer melhor a área de energias e me apaixonar, até que, em um belo dia o IFES abriu vagas para um curso de instalação elétrica predial. Estava com dúvidas se ia ou não, mas mesmo com dúvida eu fui, e foi a melhor escolha da minha vida. Lá dentro do IFES da Serra eu pude conhecer um mundo diferente do que eu estava acostumada, um mundo novo que me fez perceber o porquê meu pai queria tanto aquilo para mim, me fazendo ter esperança nos estudos novamente. Não me arrependo de nada nessa etapa da minha vida, pois foi graças a estas escolhas e oportunidades que pude conhecer meu sonho e minha paixão para fazer minha graduação. Atualmente eu terminei o Ensino médio e estou fazendo graduação em Engenharia Ambiental no IFES de Ibatiba, assim que eu recebi a notícia de que tinha passado foi um choque de alegria de finalmente estudar no tão esperado e sonhado IFES. Estou muito feliz, realizada e ansiosa com os próximos capítulos e aventuras dessa nova fase da minha vida.”



Categoria
ESTÍMULO

PRÊMIO
MULHERES
E CIÊNCIA

Categoria

ESTÍMULO

Área de Ciências da Vida

Leticia Couto Garcia

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
(UFMS)

Área de Ciências Exatas e da Terra, e Engenharias

Rita de Cássia dos Anjos

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Área de Ciências Humanas e Sociais Letras e Artes

Gabriela Spanghero Lotta

Fundação Getúlio Vargas
(FGV-SP)



Área de Ciências da Vida

Leticia Couto Garcia

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

“Minha trajetória só foi possível graças ao investimento brasileiro na educação pública. Estudei no Colégio Municipal Marconi, formei-me em 1999 e entrei na UFMG para virar bióloga. No primeiro estágio, pesquisei a restauração de áreas mineradas e concluí que plantar espécies com frutificação em diferentes épocas atrai a fauna ao longo do ano e acelera a recuperação e continuei esses estudos de áreas de canga ferrífere no mestrado. No doutorado na Unicamp, investiguei o tempo necessário para restaurar áreas da Mata Atlântica. Descobri que, com alta diversidade de árvores, a estrutura se recupera em dez anos, as funções ecológicas em vinte, mas a diversidade funcional de plantas não arbóreas não chega à metade de uma área nativa mesmo após 50 anos. É preciso enriquecimento posterior. No doutorado, passei um período na University of Western Australia, onde aprendi muito, mas valorizei ainda mais o Brasil. No pós-doutorado no CRIA, modelamos nichos de espécies para identificar lacunas geográficas no conhecimento da flora brasileira. Mapeamos áreas prioritárias para coleta e novas descobertas. Hoje sou professora na UFMS. Com os alunos que oriento no Laboratório Ecologia da Intervenção (LEI), realizamos pesquisas aplicadas. Investigamos lacunas da restauração no Brasil e vimos que Pantanal, Pampa e Caatinga precisavam de mais estudos. Pesquisamos a restauração de nascentes no Cerrado que abastecem o Pantanal em parceria com os povos Terenas, agora avançando novas pesquisas sobre voçorocas que rasgam o Cerrado. Estudamos o manejo integrado do fogo feito pelos brigadistas, que evita incêndios e beneficia a biodiversidade. Mapeamos áreas prioritárias para restauração pós-fogo no Pantanal. Também estudamos a biologia de espécies ameaçadas, como o pau-santo, planta rara cuja resina é usada na cerâmica Kadiwéu. Após experimentos, produzimos as primeiras mudas com a comunidade e plantamos em escolas, brigadas e áreas prioritárias e aproximamos o pau-santo das casas das ceramistas. Também temos atuado na aplicação do conhecimento científico à tomada de decisões socioambientais, com revisão de leis sobre restauração e conservação. Formo recursos humanos para atuação em Biologia Vegetal e Ecologia. Mas, além das publicações e alunos formados, minha maior obra são meus dois queridos filhos.”



Rita de Cássia dos Anjos

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

“Sou astrofísica e professora da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Minha trajetória científica é dedicada à pesquisa, à formação de pessoas e à construção de uma ciência mais diversa e acessível. Atuo na interface entre astrofísica de partículas, computação científica e ciência de dados, investigando fenômenos extremos do Universo. Minha pesquisa se concentra em raios cósmicos de altíssimas energias, propagação de partículas e abordagens multimessageiras. Desenvolvo modelos que conectam processos físicos em ambientes extremos a previsões observáveis em raios cósmicos e outros mensageiros a partir de dados de Observatórios. Essa linha de trabalho combina teoria, simulações e análise de dados para contribuir com questões fundamentais sobre a origem e a aceleração das partículas mais energéticas do cosmos. Considero minha atuação em pesquisa desde 2007 e concluí meu doutorado em 2014. Ao longo desse percurso, tenho buscado também transformar conhecimento em impacto educacional e social. Em paralelo à pesquisa, desenvolvo e divulgo materiais de ensino de Física acessíveis para pessoas com deficiência visual, com recursos em Braille e materiais táteis, para ampliar o acesso à ciência e fortalecer a permanência de estudantes em espaços científicos. Meu trabalho tem sido reconhecido por premiações nacionais e internacionais, como o Prêmio L'Oréal–UNESCO–ABC “Para Mulheres na Ciência” (2020), a Homenagem Pesquisadora Destaque da UFPR (2023), os prêmios Anselmo Salles Paschoa (2023) e Carolina Nemes (2024) da Sociedade Brasileira de Física, e o STEM Ambassador Recognition Award da União Astronômica Internacional (2025).”



Área de Ciências Humanas e Sociais Letras e Artes

Gabriela Spanghero Lotta

Fundação Getúlio Vargas (FGV-SP)

“Gabriela Lotta tem construído uma trajetória acadêmica reconhecida nacional e internacionalmente dedicada a compreender e fortalecer o Estado brasileiro e suas instituições democráticas. Professora da FGV-EAESP, bolsista de produtividade do CNPq, coordenadora do Núcleo de Estudos da Burocracia e co-coordenadora do Centro Estudos de Implementação de Políticas Educacionais (CIPE), sua atuação combina excelência científica, impacto social e compromisso com a equidade. Administradora pública e cientista política, Gabriela desenvolveu uma agenda de pesquisa no campo das políticas públicas, com mais de 130 artigos científicos publicados, 22 livros e ampla produção internacional. Seu trabalho investiga como servidores públicos atuam na implementação de políticas, especialmente em contextos de desigualdade e vulnerabilidade, tendo contribuído de forma decisiva para o avanço teórico e empírico dos estudos da área de políticas públicas. Ao longo da carreira, coordenou pesquisas de grande escala sobre democracia, saúde, gênero, e COVID-19, cujos resultados tiveram repercussão direta na formulação de políticas públicas, em processos legislativos e em debates institucionais no Brasil e no exterior. Suas pesquisas foram utilizadas por órgãos públicos e por organismos internacionais, contribuindo para mudanças legais e institucionais. Com forte inserção internacional, foi professora visitante em universidades como Oxford, Konstanz, Bern entre outras, coordena redes de pesquisa na América Latina e na Europa e integra comitês editoriais das principais revistas da área. É também referência na formação de servidores públicos e de pesquisadores, tendo orientado dezenas de pessoas, principalmente mulheres, em mestrado, doutorado e pós-doutorado. Além da produção acadêmica, Gabriela mantém atuação ativa no debate público. É membro da Câmara Técnica de Transformações do Estado do Conselho da Presidência e do Observatório Nacional de Integridade e Transparência do Conselho Nacional de Justiça, além de outros conselhos de organizações públicas e do terceiro setor. Participa ativamente de debates públicos e na mídia, reafirmando seu compromisso com uma ciência pública, acessível e socialmente relevante. Mãe de um filho de 14 anos, pesquisadora e professora, Gabriela tem construído uma trajetória voltada à defesa da democracia, da justiça social e de um Estado mais humano, inclusivo e responsivo às pessoas.”



Categoria
TRAJETÓRIA

PRÊMIO
MULHERES
E CIÊNCIA

Categoria

TRAJETÓRIA

Área de Ciências da Vida

Deborah Carvalho Malta

Universidade Federal de Minas Gerais
(UFMG)

Área de Ciências Exatas e da Terra, e Engenharias

Teresa Bernarda Ludermir

Universidade Federal de Pernambuco
(UFPE)

Área de Ciências Humanas e Sociais, Letras e Artes

Líliam Cristina Barros Cohen

Universidade Federal do Pará,
(UFPA)



Área de Ciências da Vida

Deborah Carvalho Malta

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

“Sou médica, sanitaria, epidemiologista, professora titular da Escola de Enfermagem da UFMG. Minha trajetória foi marcada pela defesa do SUS. Comecei minha carreira como médica, na Prefeitura de Belo Horizonte, como pediatra e sanitaria, depois como gestora municipal em Timoteo, Belo Horizonte e posteriormente como gestora no Ministério da Saúde. Aliar a carreira de professora e gestora foi um privilégio e com grande potencial para apoiar políticas públicas de saúde. Fui cedida pela UFMG em 2004 ao Ministério da Saúde e permaneci até 2015 como coordenadora geral e Diretora da Vigilância de Doenças e Agravos Não Transmissíveis (DANT) na Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS). Neste espaço da gestão federal, tive a oportunidade de coordenar inquéritos nacionais como o VIGITEL - Vigilância de Fatores de Risco de Doenças Crônicas por telefone entre 2006 a 2015. Atuei em parceria com o IBGE na coordenação de importantes inquéritos nacionais como a Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PeNSE 2009, 2012, 2015); a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS 2013). Estas pesquisas apoiaram a implementação de políticas públicas no MS que também tive a honra de coordenar, como: Plano de Enfrentamento das Doenças Crônicas Não Transmissíveis 2011- 2021, a Política Nacional de Promoção da Saúde em 2006 e sua revisão em 2014, a criação das Academias da Saúde em 2010, a implantação da notificação da violência doméstica ao SINAN, dentre outros. Essas políticas públicas foram muito importantes para ampliar as respostas do SUS no campo da promoção da saúde, prevenção, regulação pública, de tabaco, álcool, alimentação saudável, atividade física; além de apoiar políticas de redução de desigualdades sociais, ampliação de políticas públicas de equidade de gênero. De volta à UFMG em 2016, esses temas de gestão se transformaram em objetos de pesquisa para estudantes de iniciação científica, mestrado, doutorado, pós-doutorado, jovens pesquisadores, buscando aprofundar estes temas e apoiar o SUS, nos seus desafios. São mais de 70 orientações concluídas, cerca de 890 artigos em revistas nacionais e internacionais. O prêmio representa a responsabilidade de influenciar jovens pesquisadoras para a continuidade do investimento em pesquisas que avancem na melhoria da qualidade da informação em saúde, no apoio a políticas de saúde pública de promoção à saúde, de inclusão social, de redução da violência contra meninas e mulheres. A defesa do SUS deve ser o motor das nossas pesquisas!!!”



Área de Ciências Exatas e da Terra, e Engenharias

Teresa Bernarda Ludermir

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

“Professora titular do Centro de Informática da UFPE, Teresa Ludermir é uma das principais referências brasileiras em Inteligência Artificial, com atuação pioneira em redes neurais, aprendizado de máquina automatizado (AutoML), meta-aprendizagem, otimização e computação quântica. Desde os anos 1990, tem contribuído para o avanço teórico e aplicado da IA, propondo metodologias inovadoras para otimização simultânea de pesos, arquiteturas e funções de ativação de redes neurais, ampliando as capacidades computacionais desses modelos e desenvolvendo abordagens híbridas para previsão de séries temporais e problemas complexos do mundo real. Sua produção científica ultrapassa 450 artigos em periódicos e conferências de alto impacto, com mais de 11 mil citações e h-index 51 no Google Scholar. Está entre os 2% dos cientistas mais influentes do mundo em IA e ocupa posições de destaque em rankings internacionais. É bolsista de produtividade 1A do CNPq, membro titular da Academia Brasileira de Ciências, da Academia Pernambucana de Ciências e Fellow de academias internacionais, como a TWAS. Além da excelência científica, Teresa exerceu papel estruturante na consolidação da IA no Brasil: publicou livros pioneiros em português, coordenou grandes projetos estratégicos — como o Instituto Nacional de Inteligência Artificial —, atuou em comitês da CAPES e do CNPq e liderou a criação do Bacharelado em Inteligência Artificial da UFPE. Formou dezenas de doutores e mestres, muitos hoje líderes acadêmicos e industriais. Destaca-se, ainda, por seu compromisso com a formação de mulheres na Computação: orientou e mentoreou pesquisadoras que hoje atuam como docentes e líderes acadêmicas, especialmente no Nordeste, contribuindo para ampliar a representatividade feminina em uma área historicamente marcada por desigualdades de gênero. Recentemente, ampliou sua atuação internacional ao integrar o International Scientific Report on the Safety of Advanced AI, coordenado por Yoshua Bengio, e foi a única brasileira escolhida para o Painel Científico Internacional de Inteligência Artificial das Nações Unidas. Em 2026, recebeu o 2º Prêmio Mulheres e Ciência do CNPq, reconhecimento de uma trajetória que alia excelência científica, liderança institucional, promoção da equidade e protagonismo global na governança e segurança da IA.”



Área de Ciências Humanas e Sociais Letras e Artes

Lílíam Cristina Barros Cohen

Universidade Federal do Pará (UFPA)

“Minha trajetória reflete o brilho de muitas outras mulheres, que me orientaram e orientam até hoje. Iniciei meu percurso musical aos 7 anos como aluna de musicalização no Instituto Estadual Carlos Gomes. Aos 9 anos, fui admitida na seleção para ingressar no Clube do Pesquisador Mirim, do Museu Paraense Emílio Goeldi. Esses dois pontos de partida foram cruciais na constituição da minha maneira de ver o mundo. O lugar de origem da minha família materna – zona de agricultura familiar denominada Km 21 – me investiu de uma identidade cultural, e lá vivi a natureza amazônica em toda sua complexidade. Trilhei esse caminho ao longo da adolescência, chegando a me formar no Curso Técnico em Piano no Instituto Estadual Carlos Gomes. Cursei Bacharelado em Piano no Instituto Estadual Carlos Gomes e Universidade do Estado do Pará, atuando como monitora de História de Música e bolsista de Iniciação Científica - PIBIC no Museu Paraense Emílio Goeldi, com o tema Música no Alto Rio Negro, sob orientação do professor Antônio Maria Souza Santos. Fiz o mestrado e doutorado em Etnomusicologia na Universidade Federal da Bahia, com os estudos voltados para a música indígena no Alto Rio Negro. Ingressei como docente na Universidade Federal do Pará, ainda doutoranda, no ano de 2004 e, em 2007, criei o Grupo de Pesquisas Música e Identidade na Amazônia, voltado para a produção de conhecimento sobre música na nossa região. Sempre atuei como pianista e pesquisadora, sendo estes os pilares da minha vida. Em 2025 foi criado o Laboratório de Etnomusicologia da Universidade Federal do Pará, um esforço coletivo em parceria com minha parceira de pesquisas Sonia Chada. Nos anos subsequentes, realizei dois estágios de pós-doutorado na Universidade de Brasília, com pesquisas voltadas para a música produzida na Amazônia. Em 2025 foi criada a Reserva Técnica Sonia Chada (do Laboratório de Etnomusicologia), a primeira reserva técnica destinada à música amazônica, auxiliando nos processos de pesquisa, documentação e salvaguarda desses saberes musicais dos povos das águas, das cidades e das florestas amazônicas por meio do ensino, da pesquisa e da extensão. O LABETNO, ainda, mantém um acervo de sons e de músicas com curadoria compartilhada com os detentores desses saberes, difundindo e salvaguardando esse patrimônio imaterial de forma ética e responsável. Sou imensamente grata com este reconhecimento e louvo todas as mulheres que, em toda a sua diversidade epistemológica, contribuem para a ciência no Brasil. Ofereço este prêmio à minha filha Tereza, que me encoraja todos os dias a ser uma pessoa melhor.”



Categoria
MÉRITO
INSTITUCIONAL

PRÊMIO
MULHERES
E CIÊNCIA

Categoria

MÉRITO INSTITUCIONAL

1º LUGAR

Universidade Federal do Pará
UFPA

2º LUGAR

Universidade Federal Rural de Pernambuco
UFRPE

3º LUGAR

Universidade Federal do Piauí
UFPI



1º Lugar

Universidade Federal do Pará (UFPA)

A Universidade Federal do Pará (UFPA), fundada em 1957, é a principal instituição de ensino superior do estado do Pará, com sede em Belém e 11 campi que atendem 82 municípios. Ao longo de sua trajetória, consolidou-se como referência acadêmica, científica e social na Região Norte, reunindo atualmente mais de 60 mil discentes, 3.017 docentes e 2.447 técnicos administrativos. A UFPA desempenha papel estratégico para a Amazônia, contribuindo diretamente para a produção de conhecimento sobre biodiversidade, mudanças climáticas, desenvolvimento sustentável, saúde pública, culturas tradicionais e dinâmicas socioeconômicas da região. Sua atuação fortalece a formação de profissionais qualificados, a inovação científica e tecnológica e a formulação de soluções voltadas às especificidades amazônicas, reafirmando seu compromisso com o desenvolvimento regional e com a redução das desigualdades. A instituição também se destaca por seu compromisso com a inclusão e a equidade. As mulheres representam 53,78% do corpo discente e 55,58% do corpo técnico administrativo, além de ocuparem cinco dos 12 órgãos centrais da administração superior. Esses dados evidenciam uma gestão comprometida com a diversidade e com a ampliação da participação feminina nos espaços de liderança acadêmica. A atuação da UFPA é sustentada por robustas políticas de ações afirmativas e diversidade. Através da Superintendência Diverse e da Comissão CeGênero, a universidade implementa cotas raciais, para quilombolas, indígenas, pessoas com deficiência e estudantes de baixa renda. Entre as iniciativas inovadoras, destacam-se:

- Apoio à Maternidade: Critérios diferenciados de produtividade para pesquisadoras mães e o Auxílio Primeira Infância para estudantes com filhos.
- Combate à Violência: A campanha permanente "Respeito na UFPA e em todo lugar", voltada ao enfrentamento do assédio e da discriminação.
- Formação e Desenvolvimento: formação obrigatória em gênero e diversidade para novos servidores e destinação de 50% dos recursos do Programa de Auxílio à Qualificação para mulheres no edital nº 8 de 2025.

O compromisso com o futuro é reafirmado com a criação do Observatório da Igualdade de Gênero da UFPA (OIGEN), que sistematizará dados institucionais para guiar novas políticas de equidade e servir de modelo para o fortalecimento da rede acadêmica em toda a região amazônica.



2º Lugar

Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

A Universidade Federal Rural de Pernambuco é uma instituição centenária, com ações estendidas do litoral ao sertão.

Atualmente, é administrada por uma equipe majoritariamente feminina, incluindo a Vice-Reitora e a Reitora, professora Maria José de Sena, primeira mulher eleita Reitora em Pernambuco e pioneira a ocupar por três vezes o cargo de Reitora, no cenário nacional.

A UFRPE dispõe de infraestrutura acadêmica e administrativa composta por mais de 1.093 docentes, cerca de 908 técnicos(a)s administrativo(a)s, mais de 639 trabalhadores(a)s terceirizados(a)s e cerca de 17 mil discentes.

Anualmente, oferta mais de 3.620 vagas em 52 cursos de graduação e 42 cursos de pós-graduação, além de cursos na educação básica, técnica e profissional.

A Instituição possui uma trajetória marcada por contribuições ao desenvolvimento regional, reunindo esforços para a superação dos problemas socioeconômicos e socioambientais.

O Plano de Desenvolvimento Institucional da UFRPE aponta o compromisso da Instituição para as questões relacionadas à equidade de gênero, sexualidade, raça e acessibilidade, acolhendo propostas e ações afirmativas que promovam inclusão e apoio aos segmentos socialmente vulnerabilizados, como forma de contribuir no combate à exclusão e à desigualdade social, ao preconceito e à discriminação, à intolerância, à violência de gênero, à homofobia e à transfobia.

A implementação institucional de políticas, programas, projetos e ações nos campos do ensino, pesquisa, extensão, gestão e assistência estudantil, acessibilidade e gestão de pessoas concretiza o extenso leque de atuação da Instituição, nos territórios que atravessam desde a capital, cidade do Recife, ao sertão pernambucano.

Diante do cenário nacional e desafios do presente e do futuro, a UFRPE vislumbra com o Mérito Institucional recebido no 2º Prêmio Mulheres e Ciência do CNPq, o fortalecimento e consolidação de ações alinhadas aos princípios de equidade de gênero no Ensino Superior, por meio da promoção de parcerias, do incentivo à participação e à valorização do trabalho coletivo que inclui o corpo docente, técnico e discente no processo de construção do ambiente educacional e científico em um espaço mais acolhedor, diverso e inclusivo.

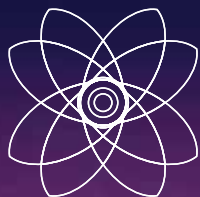
3º Lugar

Universidade Federal do Piauí (UFPI)



A Universidade Federal do Piauí (UFPI) constrói, ao longo de 55 anos, uma trajetória marcada pela formação de pessoas, produção de conhecimento e compromisso com o desenvolvimento social. Presente em diferentes regiões do estado, com campi em Teresina, Picos, Floriano e Bom Jesus, além de colégios técnicos e polos de educação a distância, a instituição amplia oportunidades e fortalece a interiorização do ensino superior público. Reconhecida pela qualidade acadêmica, a UFPI possui nota 5 no credenciamento do Ministério da Educação (MEC) e alcançou, em 2026, a nota máxima (7) na avaliação da CAPES, consolidando sua excelência na pós-graduação e sua inserção em padrões internacionais. A atuação da Universidade é pautada pela inclusão e pela valorização da diversidade, com políticas que promovem o acesso e a permanência de estudantes de diferentes origens, incluindo indígenas, quilombolas e quebradeiras de coco, integrando saberes acadêmicos e tradicionais. No campo da ciência, tecnologia e inovação, destaca-se pela produção de conhecimento aplicado, com pesquisas, registros de software, patentes e incentivo ao empreendedorismo, contribuindo para o desenvolvimento econômico e social. A UFPI também exerce papel estratégico na saúde, por meio do Hospital Universitário, referência no SUS, e dos Hospitais Veterinários, que atendem demandas da cidade e do campo. Com cerca de 90 mil pessoas formadas, a UFPI reafirma seu compromisso com a transformação social, promovendo educação, inclusão, inovação e impacto para o Piauí e o Brasil. A Universidade Federal do Piauí (UFPI) constrói, ao longo de 55 anos, uma trajetória marcada pela formação de pessoas, produção de conhecimento e compromisso com o desenvolvimento social. Presente em diferentes regiões do estado, com campi em Teresina, Picos, Floriano e Bom Jesus, além de colégios técnicos e polos de educação a distância, a instituição amplia oportunidades e fortalece a interiorização do ensino superior público. Reconhecida pela qualidade acadêmica, a UFPI possui nota 5 no credenciamento do Ministério da Educação (MEC) e alcançou, em 2026, a nota máxima (7) na avaliação da CAPES, consolidando sua excelência na pós-graduação e sua inserção em padrões internacionais. A atuação da Universidade é pautada pela inclusão e pela valorização da diversidade, com políticas que promovem o acesso e a permanência de estudantes de diferentes origens, incluindo indígenas, quilombolas e quebradeiras de coco, integrando saberes acadêmicos e tradicionais.

No campo da ciência, tecnologia e inovação, destaca-se pela produção de conhecimento aplicado, com pesquisas, registros de software, patentes e incentivo ao empreendedorismo, contribuindo para o desenvolvimento econômico e social. A UFPI também exerce papel estratégico na saúde, por meio do Hospital Universitário, referência no SUS, e dos Hospitais Veterinários, que atendem demandas da cidade e do campo. Com cerca de 90 mil pessoas formadas, a UFPI reafirma seu compromisso com a transformação social, promovendo educação, inclusão, inovação e impacto para o Piauí e o Brasil.



COMISSÃO JULGADORA

Bárbara Cagliari Lotierzo

British Council Brasil

Célia Maria de Almeida

Soares

Universidade Federal de Goiás

Cristina Araripe Ferreira

Fundação Osvaldo Cruz

Elisangela Lizardo de Oliveira

Ministério da Ciência,
Tecnologia e Inovação

Giovanna Machado

Centro de Tecnologias
Estratégicas do Nordeste

Larissa de Santana Passos

Ministério das Mulheres

Lucia Mendonça Previato

Universidade Federal do Rio de
Janeiro

Luciana Londero Brandli

Universidade Federal de Passo
Fundo

Luíza Lucchesi da Cruz Nobre

Ministério das Mulheres

Marcela Gobo

British Council Brasil

Maria Teresa Gomes Lopes

Universidade Federal do
Amazonas

Miriam Pillar Grossi

Universidade Federal de Santa
Catarina

Susana de Souza Lalic

Universidade Federal de
Sergipe

Tatiana Carvalho

Banco de Desenvolvimento da
América Latina e Caribe

Thais Cristófarro Silva

Universidade Federal de Minas
Gerais



PARCERIAS

Fundado em 1951, o CNPq tem como principais atribuições fomentar a pesquisa científica, tecnológica e de inovação no país, bem como promover a formação de recursos humanos qualificados, em todas as áreas do conhecimento. A concessão de prêmios contribui com o alcance da missão institucional da instituição, promovendo o reconhecimento do mérito, da qualidade e do impacto científico, social ou econômico da atuação dos pesquisadores e das pesquisadoras brasileiras.

Neste contexto, o CNPq atua na concessão de prêmios desde a década de 70, sendo pioneiro nesta atividade nos meios científico e tecnológico do país. Após treze anos sem lançar novas premiações, o Prêmio Mulheres e Ciência foi criado em 2024 com bastante sucesso. Foram mais de 1.800 inscrições submetidas por pesquisadoras e instituições brasileiras nas duas edições realizadas.

O Prêmio Mulheres e Ciência tem como objetivos principais promover a diversidade, a pluralidade e a participação de mulheres na Ciência, Tecnologia e Inovação, fortalecer a equidade de gênero e étnico-racial e premiar mulheres pelo reconhecimento do valor de suas pesquisas e outras atividades de aplicação de conhecimentos e de tecnologias. Trata-se, portanto, de incentivo a pesquisadoras que tenham contribuído com o conhecimento científico de excelência e o avanço tecnológico nacional bem como a instituições comprometidas com o desenvolvimento de um ecossistema de educação superior e ciência mais inclusivo e diverso.

O Prêmio despertou bastante interesse da comunidade acadêmica brasileira em sua primeira edição, tendo pavimentado, assim, o caminho para suas próximas edições. Com este tipo de ação, o CNPq comprova a importância da sua atuação para o desenvolvimento do país, cumprindo seu papel como instituição de fomento e de estado.

O Prêmio Mulheres e Ciência é um marco na história da ciência brasileira. Com essa iniciativa, reafirmamos que a Ciência, a Tecnologia e a Inovação são, sim, espaços para as mulheres. Parceiro do CNPq na premiação, o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) tem trabalhado incansavelmente para promover a equidade de gênero e ampliar a participação feminina em todas as áreas do conhecimento.

O Prêmio Mulheres e Ciência surge como um reconhecimento às cientistas que contribuem para o avanço científico e tecnológico e para a transformação da nossa sociedade. Com quatro categorias – Incentivo, Estímulo, Trajetória e Mérito Institucional -, buscamos valorizar as trajetórias de mulheres que fazem da ciência um instrumento de progresso e inclusão, ao mesmo tempo em que incentivamos instituições que promovem a igualdade de gênero.

Apesar das conquistas, sabemos que o caminho ainda é desafiador. A ciência segue sendo um ambiente desigual, reflexo de uma sociedade que ainda impõe barreiras às mulheres. Os dados são claros: enquanto as mulheres são maioria nas bolsas de iniciação científica, mestrado e doutorado do CNPq, essa presença diminui nas bolsas de produtividade, que representam o topo da carreira acadêmica. Nas áreas de Tecnologia e Engenharia, a participação feminina ainda é baixa, evidenciando a necessidade de mudanças estruturais.

Com este prêmio, reforçamos o compromisso do MCTI em transformar esse cenário. Além dessa iniciativa, estamos implementando políticas públicas como o edital Meninas nas Ciências Exatas, Engenharias e Computação, que destina R\$ 100 milhões para estimular a formação e permanência de mulheres nessas áreas. Também criamos a Chamada Beatriz Nascimento, que oferece bolsas de doutorado sanduíche e pós-doutorado no exterior para mulheres negras, ciganas, quilombolas e indígenas, entre outras ações.

A diversidade é essencial para o progresso da ciência. Valorizar as mulheres cientistas não é apenas uma questão de justiça, mas de garantir que o conhecimento avance com pluralidade de ideias, olhares e experiências. A história tem nos mostrado que as mulheres são resilientes, rompem barreiras e transformam o mundo com sua inteligência e dedicação.

Que venham muitas edições do Prêmio Mulheres e Ciência, celebrando e impulsionando a participação feminina na ciência brasileira. Estamos construindo um futuro mais justo, inclusivo e inovador - um futuro no qual todas as mulheres possam ocupar o espaço que é seu por direito.

Promover a ciência com equidade é investir no futuro da América Latina e do Caribe. O CAF – Banco de Desenvolvimento da América Latina e do Caribe trabalha para transformar a região em um espaço mais justo, sustentável e integrado. Fundado em 1970, o banco reúne atualmente 23 países da América Latina, do Caribe e da Europa, além de 13 bancos privados, com a missão de financiar projetos e oferecer cooperação técnica a governos e instituições públicas e privadas.

A atuação do CAF vai muito além do financiamento tradicional. O banco investe fortemente em iniciativas que unem desenvolvimento e inclusão, com foco em ciência, tecnologia, inovação, cultura e educação. Apoiar quem pensa, cria e transforma é um compromisso permanente do CAF.

Foi com esse espírito que o banco se uniu ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) para a realização do Prêmio Mulheres e Ciência. A iniciativa tem como objetivo reconhecer, valorizar e dar visibilidade a trajetórias femininas que impactam positivamente o avanço da ciência no Brasil.

Para o CAF, apoiar esse prêmio significa muito mais do que firmar uma parceria: trata-se de um posicionamento institucional, alinhado à Estratégia de Igualdade de Gênero 2022–2026, que tem como meta ampliar o protagonismo feminino nos espaços de poder e produção de conhecimento. O reconhecimento das mulheres na ciência ainda é marcado por desigualdades históricas.

Entendemos que o desenvolvimento sustentável só é possível se construído com e para todas as pessoas – incluindo mulheres, pessoas negras, indígenas, pessoas com deficiência e outros grupos historicamente invisibilizados.

Ao apoiar o Prêmio Mulheres na Ciência, o CAF reafirma seu compromisso com uma ciência mais diversa, plural e conectada aos desafios reais da sociedade. Afinal, investir em mulheres cientistas é também investir em soluções mais justas, inovadoras e transformadoras para toda a região.

O British Council é a organização internacional do Reino Unido para relações culturais e oportunidades educacionais. Apoiamos a paz e a prosperidade construindo conexões, entendimento e confiança entre as pessoas no Reino Unido e em países do mundo todo. Trabalhamos diretamente com indivíduos para ajudá-los a adquirir as habilidades, a confiança e as conexões para transformar suas vidas e moldar um mundo melhor, em parceria com o Reino Unido. Nós os apoiamos na construção de redes e na exploração de ideias criativas, no aprendizado do inglês, na obtenção de uma educação de alta qualidade e de qualificações reconhecidas internacionalmente.

Presente no Brasil desde 1945 e com sede, o British Council desenvolve programas em Artes e Cultura, Educação Superior, Língua Inglesa e Educação Básica. Dentre nossos diferentes projetos, alguns temas apresentam-se de maneira transversal, como demonstra-se no desenvolvimento de capacidades para endereçar desafios globais e temas relativos à equidade, diversidade e inclusão.

Nesta frente, o programa Mulheres na Ciência, iniciado em 2018 no Brasil, objetiva contribuir para uma maior liderança das mulheres no setor científico e acadêmico, possibilitando e fortalecendo os vínculos entre Brasil e Reino Unido, nos níveis individual, institucional e sistêmico, para maior participação, representação e influência de Mulheres em STEM.

O programa Mulheres na Ciência visa aumentar a presença de mulheres e meninas nas carreiras STEM, apoiar pesquisadoras por meio de capacitação e treinamentos, aumentar a rede de pesquisadoras em colaboração com o Reino Unido e discutir políticas institucionais que possam impulsionar o acesso e a diversidade na ciência, contando com experiências positivas britânicas.

A criação do Marco Referencial para Igualdade de Gênero nas Instituições de Educação Superior Brasileiras encontra-se como uma das ferramentas desenvolvidas neste programa e que pode ser usado para o desenvolvimento de políticas institucionais que possam contribuir para sistemas de ensino superior mais fortes, inclusivos e globalmente conectados, que apoiam o crescimento econômico e social.

O Ministério das Mulheres tem a honra de apresentar o Prêmio Mulheres e Ciência, uma iniciativa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Criado em 2024, em parceria com o Ministério das Mulheres, o Prêmio Mulheres e Ciência tem o compromisso de reconhecer, valorizar e fortalecer a presença feminina nos campos da ciência, tecnologia e inovação.

Este prêmio é mais do que uma distinção: é um instrumento de transformação social. Ao promover a diversidade, a pluralidade e a participação de mulheres nas carreiras científicas e tecnológicas, reafirmamos o papel fundamental das mulheres na produção de conhecimento, na inovação e no desenvolvimento do país.

Em um cenário historicamente marcado por desigualdades de gênero, o Prêmio Mulheres e Ciência contribui para o enfrentamento das barreiras estruturais que ainda limitam o acesso, a permanência e o reconhecimento de mulheres nesses campos. Celebrar trajetórias, premiar talentos e destacar conquistas é também inspirar novas gerações de meninas e jovens a acreditarem em seus potenciais e ocuparem todos os espaços — inclusive os mais estratégicos para o futuro do Brasil.

O Ministério das Mulheres se soma a essa iniciativa com entusiasmo e convicção, por compreender que fortalecer a equidade de gênero na ciência é essencial para a construção de uma sociedade mais justa, inovadora e sustentável. Que este prêmio se consolide como símbolo de reconhecimento e incentivo à excelência, à coragem e à contribuição inestimável das mulheres brasileiras na ciência, na equidade social e na transformação de um mundo mais justo.

CRÉDITOS E FICHA TÉCNICA

CNPq

Presidência

Olival Freire Junior

Diretoria

Dalila Andrade Oliveira

Coordenação-Geral

Lisandra Helena Barros Santos

Coordenação Técnica

Cassiano D'Almeida

Equipe Técnica

Roseni Maria Pereira Araújo

Sandra Rodrigues Braga

Karen Yasmin Martins de Sales

Luiz Carlos Invenção Santos

MCTI

Ministra de Estado

Luciana Santos

CAF

Presidente Executivo

Sergio Díaz-Granados

Representante no Brasil

Jaime Holguín

Diretoria

Maria Guadalupe Aguirre

Gerente de Gênero, Inclusão e
Diversidade

Ana Baiardi

British Council

Diretoria

Diana Daste

Bárbara Cagliari Lotierzo

Vera Oliveira

Gerente de Educação Superior

Marcela Gobo

Analista de Projetos de

Engajamento Cultural

Ramon Santos

MM

Ministra de Estado

Márcia Helena Carvalho Lopes

Secretarias

Rosane Silva

Liliani do Socorro dos Santos

Nascimento

Sandra Kennedy Viana

Diretoria

Andreza Silva Xavier

Coordenação-Geral

Larissa de Santana Passos

Coordenadora

Luiza Lucchesi da Cruz Nobre



PARCERIAS



MINISTÉRIO DAS
MULHERES



INICIATIVA

MINISTÉRIO DA
CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E INOVAÇÃO

